

# “Soube que ia ganhar a eleição quando conheci Jorginho, homem simples, do interior”

**A**ndré Gomes, 58 anos, instalou-se com a família em Florianópolis em quatro de julho e voltou nesta sexta para São Paulo convicto que Santa Catarina elegeu o melhor governador da sua história. Desde 1992, o publicitário fez em torno de 30 campanhas vitoriosas, incluindo a reeleição de Geraldo Alckmin e a eleição de João Dória ao governo de São Paulo, mas nenhum cliente o impressionou como Jorginho Mello (PL). Ele soube ter o candidato vencedor assim que conheceu o senador.

“Quando você conhece o Jorginho, não tem como não gostar dele. Você se apaixona pelo Jorginho, porque ele é uma pessoa comum”, conta. Também os catarinenses, tão à direita, conservadores e interessados em expressar seus valores, interessavam ao especialista em marketing político. No final das contas, fez aqui uma campanha com votação recorde, maior que a do presidente Jair Bolsonaro, com uma história bastante familiar. “Um homem simples do interior, de uma família de sete irmãos que batalhou muito pra estudar, teve uma vida difícil e é como muitos outros catarinenses que prosperaram.”

O desempenho da campanha é um dos melhores do Brasil, se levar em conta que é o único eleito em chapa pura, que começou com 43 segundos de TV, contra

Das 40 campanhas que você já fez, queria saber que número de vitória é essa?

De 40 campanhas, ganhei umas 30. Não fiz essa conta exata, mas fiz campanha em 2018 para João Dória, em 2014 para Geraldo Alckmin, 2010 para Aloísio Mercadante. Há 30 anos, quando eu comecei, a primeira campanha que fiz foi a do Paulo Maluf junto com Duda Mendonça e Nelson Biondi. Campanha vitoriosa. De lá pra cá eu já fiz campanha do Celso Pitta, que se elegeu. Lucio Alcântara, Tasso Jereissati, todos esses se reelegeram, né? Garotinho no Rio, Eduardo Braga no Amazonas, Henrique Meirelles, Celso Daniel, Marta Suplicy. Tenho uma carreira de quarenta campanhas, quarenta e uma agora, e devo ter ganhado umas 30. Campanhas muito vitoriosas, graças a Deus.

Nossa, é um excelente resultado. Como das campanhas do PSDB e PT você chegou a esse outro

campo, digo, você já imaginava que a terceira via não aconteceria nessa eleição?

Então, pelo foto dessa disputa ser entre um presidente e um ex-presidente e a primeira vez que o Lula teria um adversário do porte do Bolsonaro. Lula sempre foi um candidato muito respeitado pelos seus oponentes. O Bolsonaro tem uma pegada diferente. Desde a eleição dele, em cima da ficha suja do PT, dos escândalos, foi uma campanha muito contundente. Dessa vez, Lula sabia que ia ter um adversário que se comunica bem, líder da direita e que poderia bater nele abaixo da cintura, uma coisa que ele nunca passou numa campanha

**Bolsonaro terá papel de líder da extrema-direita se construir agenda internacional”**

eleitoral. A gente viveu uma campanha muito pesada, né? Com um nível de agressividade nunca visto antes, com acusações e fake news. Imaginava que não teria espaço no caminho do meio, porque a polarização já tava dada e seria uma batalha entre dois gigantes da política. Representando

três fortes adversários bolsonaristas que incluíam o atual governador Carlos Moisés (Republicanos), o ex-governador por duas vezes Esperidião Amin (PP) e o ex-prefeito da Capital Gean Loureiro (União Brasil).

“O mais importante é que erramos pouco”, simplifica o estrategista, sem deixar de lado a devoção do time de Jorginho. “Como não tinha outra saída que não a vitória, a gente fez o impossível”, celebra. Também isso conta um pouco a história do governador eleito, batizado no diminutivo por seu pai, porque nasceu muito pequeno aos sete meses.

A “imersão proveitosa” de André Gomes em Santa Catarina incluiu sua mulher, a psicóloga Ana Paula, a filha Juliana Isa e o genro Baebi, nome indígena do diretor de cinema e cinegrafista da campanha, com a netinha Zoe que vai fazer um ano. Por telefone, na noite de quinta, André Gomes conversou com a coluna Pelo Estado. Agora já vai embora, como aquele vizinho agradável que se lamenta conhecer somente quando já está de mudança. Mas ele garante que estará por perto. Pela capacidade de Jorginho de negociar e conciliar, aposta que serão superados ressentimentos e Santa Catarina terá mais paz e prosperidade.

dois extremos. Não teria como a terceira via ser bem sucedida.

E agora você acha que é possível reconciliar o Brasil de alguma forma?

Eu eu não tenho dúvida disso. O Lula não tem espaço pra fazer um governo como da primeira vez. O governo dele vai ser um governo de coalizão. O Brasil está fraturado depois desse processo político e ele está trazendo o MDB, vai trazer o PSD, vai trazer outros partidos, vai ter que compor. Não tenho dúvida que o presidente Lula vai precisar trabalhar nessa linha, até porque o povo também, de certa forma, apesar do resultado das urnas, o que o povo quer é ter uma melhora na economia, ter melhores serviços públicos.

E o Bolsonaro? Qual o caminho dele até 2026?

Bolsonaro é um líder em contexto da direita. De extrema direita, como ele se consolidou. Ele é esse porta-voz, ele tem esse papel. Agora depende muito dele, né? Ele é uma pessoa única, tem um perfil muito aguerrido. Acredito que ele tem sua liderança, mas precisa montar uma agenda inteligente, uma agenda internacional. Ele teve 58 milhões de voto, tem aí um senso crítico, a sociedade está fraturada, dividida com o resultado das urnas, não foi um resultado que agradou. Há um eleitor que poderia ter caído pra um lado como caiu pra outro, foi uma vitória muito apertada, mas acredito que Bolsonaro tem um papel. Vamos ver como ele vai desempenhar esse papel.

Sendo que deve ser a última eleição do Lula, quais são os nomes que saem dessas eleições para 2026?

Um nome natural é de Romeu Zema. Os candidatos eleitos esse ano vão ter que se provar governadores que tenham entregas. Então acho que não é espaço para governador de São Paulo como o Tarcísio (de



**“Jorginho é um catarinense comum, ele não é fake, é original, um catarinense que deu certo”**

Freitas), mas Zema é um player. Vamos ver como Geraldo Alckmin se sai dentro desse governo. A gente fala quatro anos antes, mas eleição depende muito da economia, da situação do país, como o povo está se sentindo quando chega a nova disputa. Se nessa eleição, por exemplo, a economia estivesse melhor, se a vida do brasileiro estivesse mais fácil, a eleição não teria ocorrido como ocorreu e Bolsonaro estaria de novo no próximo mandato.

Em SC, vocês já sabiam que o 22, o número de Bolsonaro, ia ser definitivo, certo?

Claro. Sabíamos que o 22, estar no partido do presidente Bolsonaro, seria um ponto positivo da nossa campanha. Mas outros candidatos utilizaram o Bolsonaro em suas campanhas. Então, não bastava o Bolsonaro em si ser o ponto forte disso, porque ele estava presente em outras candidaturas também.

É, no início parecia muito difícil, além de ter quatro candidatos bolsonaristas vocês não tinham nem vídeos de declaração de apoio do presidente, né?

Foi muito difícil, mas também é aquela história, né? A gente começou apresentando o Jorginho. Primeiro, ele era um candidato do oeste. Um candidato do interior, concorrendo contra três candidatos da Capital: Moisés, Amin e Gean. Isso já era bom pra nós. Outra coisa que entendíamos como muito positiva é que Jorginho tem uma empatia de vídeo muito grande. Conseguimos consolidar a as mensagens principais nos 43 segundos para explicar quem é Jorginho: um homem simples do interior que gosta de cuidar das pessoas. Ao longo da sua vida

**“O governo de Lula será de coalizão, até porque o povo quer é melhora na economia”**

como parlamentar, trouxe dinheiro e trouxe recursos pra cá e foi eleito duas vezes melhor senador do Brasil, fez o Pronampe, tinha o apoio do Bolsonaro. Jorginho é um homem simples, é o catarinense simples, aquele catarinense que deu certo. De uma família de sete irmãos, batalhou muito pra estudar,

teve uma vida difícil e essa é a história de vários catarinenses que prosperaram, né? Se vê todo dia gente que acorda muito cedo e trabalha muito, dá muito duro, e acaba sendo bem sucedida na vida. O Jorginho é um catarinense comum, não é fake, é original, é aquilo que você conhece, de verdade. Isso facilita muito o nosso trabalho. Eu diria o seguinte: nós erramos muito menos do que os adversários.

Quais foram os principais erros dos adversários?

Então, por exemplo, acho que a campanha do Moisés começou com um erro de conceito. O slogan pra seguir mudando, aqui já tem governador é muito esquisito, né? Para continuar mudando, aqui já tem governador: isso complica um pouco a cabeça do eleitor. Outra coisa, Moisés tinha que ter se vestido como governador de Estado e não como bombeiro, né? Nem como alguém que está enfrentando alguma guerra. Ele tentou fazer um estereótipo de um Zelensky paraguaio. Nas pesquisas, o governo do Estado era bem avaliado, tinha 55% de avaliação positiva, mas o Moisés era mal avaliado. As pessoas não sabiam dele, ele não tinha uma identidade, não tinha entrega, não tinha uma marca dele. Por outro lado, a campanha do Gean, com seus perfis de rede social, me parecia jovial demais, não tinha pegada de campanha pra governo, sabe? Parecia uma campanha pop. Uma campanha pop para um candidato a governo de Santa Catarina ficou meio desconexo pra mim, sabe? Faltou um pouco de seriedade. Pra prefeito de Florianópolis ele encaixa muito bem, mas pra governador de Estado faltava musculatura. Ele era o tiozinho que estava andando de skate, né?

Tipico de tiozinho top de Florianópolis...

Sendo que Santa Catarina, historicamente, não gosta muito de Florianópolis, além disso.

Ué, mas esse é o primeiro mandamento que a gente estava entendendo aqui, né? (risos) Se existe uma rejeição à questão da capital, ah, o pessoal de Florianópolis é visto dessa forma, então

o erro zero. Nós usamos um mantra: não podíamos errar. Quando conheci a equipe do Jorginho era uma equipe pequena de pessoas muito dedicadas, de pessoas muito aguerridas, fiéis escudeiras do Jorginho, que realmente amam o Jorginho. É o Jorginho Futebol Clube (risas). Nós éramos um exército unido, aguerrido, muito fiel e com uma convicção que só seria a vitória. Não havia outra saída a não ser fazer o impossível. Então a gente precisou fazer o impossível.

E Esperidião Amin?

Primeiro, acho que fez um grande erro de avaliação. Esperidião tem serviços prestados para o Estado, mas nos últimos 20 anos ele e a família dele perderam todas as eleições para o Executivo. Ele não entendeu que existia uma mudança geracional acontecendo de norte a sul do Brasil. Não há nenhum governador eleito na faixa dos 70 anos. Jorginho é o governador que está com um pouco mais de idade do que os outros, porque todos estão na casa dos 50 anos. Há uma mudança geracional e muitos dos catarinenses aos quais Amin se dirigiu não conheciam a obra dele. Do ponto de vista da comunicação, ele teria de ser mais eficiente, ele não se comunica bem, né? É muito prolixo, fala de um jeito que não comunica bem. Uma coisa que a gente aprende é o seguinte: quando o grupo de pesquisa diz que a pessoa é muito inteligente é porque não entendeu nada que aquele senhor está falando. E isso não é bom. O momento do Amin não era pra concorrer nessa eleição. Era para, de repente, estar junto com o Jorginho e fazer uma vitória no primeiro turno. Foi um erro estratégico.

Quando é que você soube que ia ganhar essa campanha?

Eu? Quando conheci o Jorginho.

Sério?

Olha, é porque tenho um histórico de vitórias em campanha eleitoral. Graças a Deus, minha história é de muitas vitórias e poucas derrotas. A gente conhece quando tem um candidato muito competitivo na mão. Desde que conheci o

Jorginho, senti muita firmeza, muita determinação, muito foco. Sabia o que estava fazendo quando nos unimos. Jorginho colocou que precisava de estrutura profissional, de gente com experiência, porque havia duas máquinas de guerra: a máquina de guerra do governador Moisés e a máquina do Gean com tempo de TV, estrutura, profissionais, dinheiro, arranjo político. Jorginho precisava de gente preparada pra fazer frente a esse desafio. Quando fiz minhas primeiras investigações, tinha certeza que conseguiria montar uma boa estratégia, organizar bem o jogo, o candidato tinha um legado expressivo. Então, saberia como apresentá-lo da forma correta e a circunstância iria favorecê-lo. Eu estava muito convicto e tranquilo com relação a isso. Nunca tive dúvida da vitória.

Que bacana. Qual foi o adversário mais difícil? Adversário mais difícil? Foi a falta do tempo de TV, porque me obrigou a pensar uma campanha com o mantra que a gente usou pra toda a equipe:

**“O slogan de Moisés era muito esquisito, complicou a cabeça do eleitor, e ele se vestiu como o Zelensky paraguaio”**

o erro zero. Nós usamos um mantra: não podíamos errar. Quando conheci a equipe do Jorginho era uma equipe pequena de pessoas muito dedicadas, de pessoas muito aguerridas, fiéis escudeiras do Jorginho, que realmente amam o Jorginho. É o Jorginho Futebol Clube (risas). Nós éramos um exército unido, aguerrido, muito fiel e com uma convicção que só seria a vitória. Não havia outra saída a não ser fazer o impossível. Então a gente precisou fazer o impossível.

E quando você soube que o adversário seria o candidato petista, Décio Lima?

Então, achava que existia uma possibilidade, mas que seria muito difícil, porque não acreditava que o candidato à reeleição pudesse cair dos 20%. Sempre nas nossas pesquisas, ele estava na casa dos 23%, 25%, 27%, depois 22%. Nunca achei que o Moisés pudesse cair de 20%. Como também não achei que Gean ficasse abaixo de 20%. Se olhar no Brasil, essa foi a única eleição em que quatro candidatos tinham dois dígitos de intenção de voto no primeiro turno. Então, não acreditava que Décio tivesse espaço pra ter mais do que 20%. Mas o eleitor foi migrando do Moisés, do Gean, do Amin pro Jorginho na reta final. Aí sobrou espaço pro Décio passar para o segundo turno com 17%. Nunca acreditei que um candidato iria pro segundo turno com 17%.

É que vocês foram pra 38%...

É, eu imaginava que a gente ia ficar nos 30%, mas 38% no primeiro turno foi uma surpresa.

Que tipo de governo será esse de Jorginho?

Acredito que o Jorginho fará um governo fantástico pra Santa Catarina. Primeiro porque se tem uma coisa que Jorginho entende é de gente. Ele é uma pessoa muito sensível, entende o problema das pessoas, vai priorizar as ações pra tirar as pessoas do sofrimento no curto prazo. Vai atacar os problemas da saúde rapidamente, vai enfrentar as questões sociais também rapidamente. Vai trabalhar no sentido de prover a educação de qualidade técnica e superior para o jovem. Honestamente, Santa Catarina está entrando num novo momento político e elegeu o melhor governador da

**“Amin errou na estratégia e se comunica mal. Quando eleitor diz que é inteligente é porque não entendeu”**

prósperos, né? E o Jorginho é uma pessoa que tem esse astral, Jorginho é um cara do bem, não é um cara bélico. Ele vai construir um momento de mais prosperidade, vai trilhar esse caminho, sabe? Acredito que vai chegar fazendo com muita vontade.

O que esse eleitorado de direita quer?

É um eleitorado que fala em defesa de valores. É essa agenda que está mais sintetizada no bolsonarismo, né? As pessoas querem poder falar, querem se manifestar. Elas querem ter o direito de se manifestar, ter a liberdade assegurada, querem poder contestar o que não gostam. Tem um senso assim de patriotismo, né? É um estado muito politizado, tivemos cinco ou seis candidatos muito robustos, com história.

Sua família curtiu a temporada em Santa Catarina?

A família adorou. A coisa que mais nos impressionou é o fato da segurança pública não ser uma questão em Santa Catarina. Faz muita diferença na vida da gente. É muito diferente isso. Foi um projeto da família que funcionou, um momento que deu muito certo.



Integração Editorial



peloestado.com.br

Edição e textos:

ADRIANA BALDISSARELLI  
PARA ADI/SC E APJ/SC

Designer gráfico:

PAULO DORNELLES